

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

ALICE REINHARDT HOFFMANN

**ANÁLISE DO PERFIL DO INVESTIDOR DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM
ADMINISTRAÇÃO DA UFRGS**

Porto Alegre

2021

ALICE REINHARDT HOFFMANN

**Análise do Perfil do Investidor dos alunos de graduação em Administração da
UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio
Slongo

Porto Alegre

2021

ALICE REINHARDT HOFFMANN

**Análise do Perfil do Investidor dos alunos de graduação em Administração da
UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 20 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Fernando Bins Luce

Prof. Dr. Luiz Antônio Slongo
Orientador
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais e a minha família, por sempre me darem o suporte necessário e a liberdade na tomada das minhas decisões, além de sempre terem motivado que eu fosse atrás de fazer aquilo que gosto.

Aos meus colegas de faculdade que se tornaram grandes amigos, e que foram fundamentais para que o caminho até aqui fosse mais leve, enriquecedor e bem aproveitado.

Aos meus amigos que acompanharam a minha trajetória desde muito antes do ingresso na Universidade, e que sempre estiveram comigo dando apoio para que a minha trajetória tivesse grandes realizações em seu percurso.

A todos os alunos de graduação da Escola de Administração da UFRGS que responderam o questionário que tornou possível a realização desta pesquisa.

Agradeço, por fim, aos professores que tanto me ensinaram e me guiaram durante toda a graduação, em especial ao meu orientador, o prof. Dr. Slongo e à Lourdes dos Santos, pela disponibilidade e paciência que teve comigo durante todo o trabalho de conclusão, e por todo o conhecimento compartilhado durante o processo de elaboração do trabalho.

RESUMO

Para muitos brasileiros, o hábito de investir é algo distante de sua realidade. O presente trabalho traz uma pesquisa realizada com os alunos de graduação do curso de Administração da UFRGS, a fim de identificar seu perfil de investidor e os fatores influentes na construção do mesmo. Apresentam-se os resultados obtidos do estudo quantitativo e de caráter descritivo, onde considera-se a resposta do total de 261 alunos da graduação em Administração. Foi possível constatar que os alunos possuem um perfil moderado com relação aos seus investimentos, que é possível afirmar que os seus investimentos pessoais são influenciados pelas aulas, professores e colegas da Escola de Administração e também que há uma percepção dos alunos de que o ensino financeiro praticado nas aulas da graduação exercem influência na escolha de seus investimentos pessoais.

Palavras-chave: Investimentos. Educação financeira. Análise de perfil do Investidor. Jovens investidores. Aulas sobre investimentos.

ABSTRACT

For many Brazilians, the habit of investing is far from their reality. The present work brings a research carried out with the undergraduate students of the UFRGS Management course, in order to identify their investor profile and the influential factors in the construction of the same. The results obtained from the quantitative and descriptive study are presented, where the response of the total of 261 undergraduate students in Management is considered. It was possible to verify that the students have a moderate profile in relation to their investments, that it is possible to affirm that their personal investments are influenced by the classes, teachers and colleagues of the School of Management and also that there is a perception of the students that financial education practiced in undergraduate classes have an influence on the choice of their personal investments.

Keywords: Investments. Financial education. Investor profile analysis. Young investors. Investment classes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Meios que o brasileiro utiliza para investir.....	19
Figura 2: Principal vantagem em investir.	20
Figura 3: Opções que considera um tipo de investimento.....	21
Figura 4: Brasileiros que não investem..	23
Figura 5: fórmula para cálculo de tamanho amostral em população finita.	31
Figura 6: renda mensal individual.....	33
Figura 7: trabalho atual dos alunos..	34
Figura 8: alunos que trabalham em instituições financeiras.....	35
Figura 9: alunos que possuem certificação financeira.....	35
Figura 10: hábito de investir dos alunos.....	36
Figura 11: frequência de investimento dos alunos..	36
Figura 12: porcentagem de renda investida dos alunos.....	37
Figura 13: objetivos com relação aos investimentos..	38
Figura 14: tempo que pretendem deixar seu dinheiro investido.....	39
Figura 15: liquidez dos investimentos.	39
Figura 16: ensino financeiro e investimentos..	45
Figura 17: hábitos nos investimentos desde o início da graduação..	46
Figura 18: gestor, dinheiro e investimentos pessoais e de uma empresa.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: investimento em poupança.....	40
Tabela 2: investimento em LCI e LCA.....	40
Tabela 3: investimento em títulos públicos federais.....	41
Tabela 4: investimento em CDB.....	41
Tabela 5: investimento em fundos multimercado ou fundos em ações.....	41
Tabela 6: investimento em ações.....	42
Tabela 7: investimento em fundos de investimento imobiliário.....	42
Tabela 8: investimento em derivativos e opções.....	43
Tabela 9: investimento em criptomoedas.....	43
Tabela 10: influência nos investimentos.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBIMA - Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

API – Análise do Perfil do Investidor

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CNDL - Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

CDB – Certificado de Depósito Bancário

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

E. A. – Escola de Administração

FGC – Fundo Garantidor de Crédito

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LCI – Letra de Crédito Imobiliário

LCA – Letra de Crédito Agrícola

PIB – Produto Interno Bruto

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA DE ESTUDO E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	12
1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO.....	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	15
1.3 JUSTIFICATIVA	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 O INVESTIDOR BRASILEIRO	18
2.1.1 O jovem investidor brasileiro	21
2.1.2 Brasileiros que não investem	23
2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	24
2.3 API – ANÁLISE DO PERFIL DO INVESTIDOR	26
2.3.1 Perfil conservador	27
2.3.2 Perfil moderado	27
2.3.3 Perfil agressivo	28
3 MÉTODO	29
3.1 POPULAÇÃO	29
3.2 AMOSTRA.....	30
3.3 COLETA DE DADOS	31
3.4 PROCESSAMENTO DE DADOS.....	32
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
4.2 COMO OS ALUNOS INVESTEM	37
4.3 NO QUE OS ALUNOS INVESTEM.....	40
4.4 PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS DOS ALUNOS NA ESCOLHA DOS INVESTIMENTOS	43
4.5 PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO FINANCEIRO NA ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	55

1 INTRODUÇÃO

A população brasileira não possui o hábito de investir, e quando investe dá preferência à segurança em detrimento do valor que seu dinheiro pode render (Cardozo e Modesto, 2019). Isso se justifica principalmente pela falta da cultura de investimento, e por não existirem disciplinas direcionadas a educação financeira no currículo das escolas brasileiras. Cardozo e Modesto (2019) afirmam que o medo gerado pela instabilidade política (provocada por mudanças de planos econômicos repentinas que ocorreram no passado, e que seguem ocorrendo atualmente), as constantes oscilações nas taxas de juros e na inflação e a falta de conhecimento sobre investimentos são fatores que refletem a realidade do brasileiro em não investir.

Segundo a Escola de Administração (2021), o administrador toma decisões baseadas na prática; afirma-se que o administrador deve saber gerir tarefas difíceis e desafiadoras, sendo necessário encontrar novas soluções e para isso diversas fontes de conhecimento devem ser utilizadas. Também deve ser capaz de tomar decisões de médio e longo prazo, pensando no futuro da organização e em implantações tecnológicas. Estes conceitos se assemelham ao cenário dos investimentos pessoais e investimentos das empresas, onde se faz necessário o pensamento no médio e longo prazo, diversas fontes de conhecimento sobre e principalmente no futuro do indivíduo e da organização.

O presente estudo baseia-se em uma análise por meio de uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo realizada com os alunos de graduação do curso de Administração da UFRGS, no qual considera-se um grau de confiança próximo de 92%. O perfil do investidor dos alunos e suas percepções com relação a investimentos e ao ensino financeiro praticado na graduação, bem como sua importância na formação de gestores competentes são abordados, o que trouxe dados relevantes à respeito e que se diferem bastante do perfil encontrado nos brasileiros de modo geral.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA DE ESTUDO E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Investimento, para Neto (2016), é definido como a forma pela qual o dinheiro do poupador, aquele que não gasta tudo que ganha, chega até o tomador de recursos, aquele que necessita de capital, de dinheiro para investir (produzir riquezas), ou simplesmente consumir. De ambos os lados, encontram-se pessoas, empresas e até mesmo governos.

No Brasil, a parcela da população que investe não é maioria. Segundo dados da pesquisa “Raio X do Investidor Brasileiro” (ANBIMA, 2019), apenas 42% dos brasileiros possuem algum saldo aplicado em produtos financeiros. A pesquisa mostrou também que a maior parte delas, 54%, não conhece nenhum produto de investimento, demonstrando o quão distante o ato de investir está da realidade da população.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Rosenfield (BM&FBOVESPA, 2012), com duas mil pessoas ouvidas em 100 cidades, foi constatado que as pessoas ignoram os princípios financeiros mais elementares. Mais de um quarto (27%) dos entrevistados alegaram que a caderneta de poupança é o investimento mais arriscado do mercado, mais até do que a bolsa de valores. Rambo (2014) ressalta que a falta de conhecimento financeiro demonstrada pelos brasileiros contribui ainda mais para que se invista pouco e se diversifique pouco nos investimentos.

Os recursos necessários para uma aplicação provêm da parcela não consumida da renda de uma pessoa, e qualquer indivíduo que possui tal disponibilidade financeira pode efetuar um investimento. São muitas as razões pelas quais as pessoas buscam investir, assim como também existem muitas formas e meios nos quais são possíveis de se investir hoje em dia. Fernandes (2011) diz:

[...] e entre os muitos objetivos pretendidos com investimentos, os principais deles são a busca por: segurança, rentabilidade, valorização, proteção, desenvolvimento econômico e liquidez. (FERNANDES, 2011, p. 22).

Com base na pesquisa de Cardozo e Modesto (2019), pode-se dizer que investidor brasileiro é conservador, uma vez que os investidores priorizam a segurança e condições que apresentem um risco baixo. Isso se comprova visto que, cerca de 88% dos brasileiros investem na caderneta de poupança, 6% na previdência

privada (por conta de serem os produtos financeiros mais conhecidos atualmente pelos brasileiros). O maior percentual de investidores são homens, casados, geralmente ativos no mercado de trabalho, com idade entre 35 e 44 anos, e habitam na região Sudeste do Brasil. Percebe-se que há uma preocupação muito maior com a segurança da aplicação, do que com quanto ela pode render de dinheiro.

Devido ao fato de existirem diversos tipos de investimentos (cada um deles com suas peculiaridades e objetivos específicos) e de que cada pessoa possui características e peculiaridades nas suas escolhas como investidor, é fundamental que se conheça o perfil de quem irá investir e suas características específicas. Para que isto seja possível, pode-se aplicar ao investidor um questionário chamado de API – Análise de Perfil do Investidor. Tal questionário, para que seja bem aplicado, deve seguir as regras previstas pelo regulamento da ANBIMA. (ANBIMA, 2020).

Ao serem aplicados aos futuros investidores, são observados aspectos básicos que envolvem perguntas como: idade, grau de escolaridade, quanto possui disponível para investir, quanto compromete do seu salário com despesas mensais, quais experiências anteriores com investimentos, prazo que pretende ficar no investimento, o que pretende fazer com o dinheiro, se está preparado para perder parte de seu investimento e se costuma se informar sobre o mercado financeiro (RAMBO, 2014). Após a aplicação do API, os investidores são divididos em três diferentes perfis (conservador, moderado e agressivo) e é a partir destes perfis que as carteiras de investimentos são recomendadas.

Embora se observe que o nível de conhecimento financeiro seja baixo na sociedade brasileira, é correto afirmar que alguns estudantes possuem a oportunidade de aprimorar e aprofundar seus conhecimentos acerca desse tema. Fernandes (2011, p.12) diz que os estudantes da área de administração, economia e contabilidade "conhecem o funcionamento do mercado financeiro, as principais instituições financeiras e as modalidades de aplicação e captação de recursos. Por conta disso, eles têm a oportunidade de aperfeiçoar o seu perfil financeiro".

Com a finalidade de dar um embasamento maior a esta pesquisa, serão observadas as análises semelhantes já realizadas em outras organizações acadêmicas e até mesmo já realizadas na Escola de Administração da UFRGS. Bodur (2016), em pesquisa sobre o comportamento financeiro dos alunos da Escola de Administração da UFRGS, afirma:

Um aspecto apontado pela Teoria das Finanças Comportamentais pode ser observado ao se observar os resultados obtidos: a dor de uma eventual perda tende a ser maior do que o prazer obtido por um ganho equivalente. No caso das perdas, a leve maioria optou por uma perda esperada maior do que a perda certa, pelo simples fato de que a alternativa da perda esperada maior apresentava alguma possibilidade de não haver perdas [...]. É possível constatar, dessa forma, que os alunos possuem um perfil conservador, preferindo não arriscar. (BODUR, 2016, p. 47).

Embora com uma ideia geral similar à desta pesquisa, Bodur (2016) tem como foco o comportamento financeiro dos alunos quando comparado à Teoria de Finanças Comportamentais – diferentemente do presente trabalho, que focará nos fatores relevantes que influenciam no do perfil de investidor dos alunos. Além disso, Bodur (2016) sugere que sejam realizados estudos futuros acerca deste assunto e nesta população. É importante ressaltar que o quadro de alunos da Escola de Administração de 2016 para 2020 inevitavelmente se alterou devido ao egresso e formatura de diversos alunos a cada ano. Isso também nos dará a oportunidade de comparar os resultados obtidos na pesquisa em questão, com as de Bodur (2016).

Em outro estudo, realizado por Souza (2014) com discentes em Administração na Universidade Federal do Ceará, foi identificado um outro perfil investidor como maioria entre os estudantes. Também se percebeu uma divergência significativa quando comparados os perfis de homens e de mulheres. Cita-se:

[...] identificou-se que a maioria apresenta o perfil moderado (79%), enquanto 12% se mostraram com o perfil agressivo e apenas 9% com perfil conservador. Um fato observado foi que entre os homens, apenas um se mostrou com o perfil conservador, enquanto entre as mulheres, apenas uma apresentou o perfil agressivo. (SOUZA, 2014, p. 60).

Tolentino e Maciel (2017) analisaram o perfil do investidor dos alunos de graduação em Administração de uma faculdade privada na cidade de Ponta Grossa, Paraná, chegaram às seguintes constatações:

O resultado da pesquisa se revela controverso em relação ao motivo da aplicação, onde a maioria disse poupar com o objetivo de comprar bens de consumo duráveis [...]. Porém, em relação ao período de aplicação da poupança, é evidenciado que a maioria a aplica em curto prazo. Demonstra-se ainda que a poupança pode ser concebida com um determinado objetivo, porém ele se altera conforme a atual situação financeira do poupador [...]. Evidencia-se, ainda, o perfil conservador na aplicação de recursos, [...] sem buscar melhores retornos ao capital investido, seja por falta de conhecimento de produtos financeiros, de conhecimento sobre o funcionamento do mercado ou medo de perdas financeiras (TOLENTINO; MACIEL, 2017. P. 42).

Para que se respondam as hipóteses levantadas e se chegue a conclusões acerca delas, este projeto visa realizar uma pesquisa com os alunos de graduação da Escola de Administração de todos os semestres (englobando tanto os alunos do curso

de Administração de Empresas, quanto os da Administração Pública e Social), e por meio desta aplicar um questionário que irá abranger uma Análise de Perfil do Investidor (API) juntamente com perguntas-chave relacionadas a seu perfil, ao seu entendimento sobre finanças, suas percepções em relação ao ensino financeiro praticado nas aulas da Escola de Administração e também demais fatores que podem vir a influenciar suas escolhas nos investimentos pessoais.

Levantaram-se alguns pontos sobre o perfil de investidor dos alunos de graduação da Escola de Administração da UFRGS, e que esta pesquisa pretende responder. Deve ser analisado se o perfil do aluno segue a linha do que se encontra na sociedade brasileira no geral, ou se difere, bem como se o ensino financeiro aplicado aos alunos no meio acadêmico é um fator significativo na constituição do perfil investidor. Com base nisso, se responderá a seguinte questão: quais são os fatores mais relevantes na construção do perfil do investidor do aluno de graduação da Escola de Administração da UFRGS?

1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar quais são os fatores relevantes que influenciam no perfil de investidor dos alunos da Escola de Administração da UFRGS.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, com base no objetivo geral, tem-se:

1. Elaborar um questionário de API e demais perguntas que possam ser pertinentes para o presente estudo;
2. Coletar dados aplicando o questionário nos alunos da Escola de Administração;

3. Identificar o perfil de investidor dos alunos e os fatores relevantes que interferem neste deste perfil;
4. Analisar se há uma percepção por parte dos alunos de que a educação financeira e o ensino financeiro aplicado na Escola de Administração da UFRGS influencia na escolha de seus investimentos.

1.3 JUSTIFICATIVA

A partir desta pesquisa, propõe-se traçar o perfil de investidor dos alunos de graduação da Escola de Administração da UFRGS de todos os semestres, entender quais são suas singularidades e características, bem como comprovar as hipóteses que surgiram no decorrer da realização deste projeto. Os resultados contribuirão para revelar um panorama geral desses estudantes, que poderá ser utilizado como base para observações futuras, e também poderá ser comparado com estudos similares anteriores realizados em outras organizações. Dessa forma, pretende-se contribuir também para o estudo do tema no âmbito acadêmico, onde ainda há muito a ser explorado. Almeja-se também compreender quais são os fatores que influenciam na construção deste perfil, e se há uma relação direta entre ele e o ensino financeiro praticado na Escola de Administração.

O assunto de estudo é relevante para os profissionais da área da administração, pois é importante que este possua conhecimento amplo em planejamento financeiro, não somente para as empresas que atuar e gerir, mas também para pessoas físicas. Partindo deste contexto, a pesquisa também contribui para que se tenha um panorama geral sobre o mercado financeiro, identificando os principais tipos de investimentos existentes, conceituando-os e apresentando os diferentes perfis dos investidores. Tais constatações são importantes para que se consiga descobrir se o ensino financeiro aplicado aos alunos da Escola de Administração da UFRGS influenciam seus investimentos pessoais, e se os alunos possuem a percepção de que esse ensino faz diferença na hora de escolherem os seus investimentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordam-se conceitos e informações essenciais para que seja possível desenvolver este trabalho. Conhecer o investidor brasileiro e suas características, a importância da educação financeira no Brasil e, as peculiaridades encontradas em cada um dos perfis do investidor do API são a base para a correta coleta e análise de dados da presente pesquisa.

2.1 O INVESTIDOR BRASILEIRO

Rambo (2014) afirma que o brasileiro, de forma geral, não sabe investir. O perfil de investidor é predominantemente conservador – preferem riscos e retornos mais baixos. Tais constatações podem ser entendidas como o resultado da conjuntura histórica do Brasil, como o confisco na poupança (ocorrida no Plano Collor) e a taxa de juros nominal elevada durante certos períodos. Além disso, fatores culturais (como por exemplo a cultura de investimento em imóveis) e principalmente pela falta de conhecimento em mercado de capitais (Rambo, 2014).

Conforme a Comissão de Valores Mobiliários – CVM (2018), entre os brasileiros que têm dinheiro em alguma modalidade de investimento, 14,6% investem há menos de 6 meses e 31,3% o fazem há menos de 1 ano. Ao mesmo tempo, apenas 26,6% investem há mais de 5 anos, o que mostra que o ato de investir é algo recente na maioria da população. Pode-se dizer que a estagnação da renda do trabalhador e o desemprego elevado no país são fatores que desestimulam o hábito de poupar ou investir, e isso se deve ao fato de que muitos brasileiros estão ocupados com a mera sobrevivência, e todo o seu dinheiro vai para adquirir o básico para o dia a dia e pagar as contas do mês. Por outro lado, é possível identificar um componente de consumo imediatista no perfil do brasileiro, e que isso acaba dificultando a adoção de uma visão de longo prazo (CVM, 2018).

Para Amancio e Dourado (2020), o comportamento financeiro no Brasil sofre forte influência do padrão imposto pela sociedade. O consumismo é muito incentivado e a manutenção do status é bastante valorizada, além de outros estereótipos que levam as pessoas a embarcarem em dívidas devido à má gestão do próprio dinheiro.

Os meios que o brasileiro utiliza para investir também são trazidos pela pesquisa da CVM (2018), conforme a Figura 1:



Figura 1: Meios que o brasileiro utiliza para investir. CVM, 2018.

De acordo com a Figura 1, cabe observar que a maioria dos investimentos ainda são realizados via agência bancária. Porém, há uma forte tendência para que esta porcentagem diminua significativamente nos próximos anos, visto que há um movimento muito grande de adequação aos canais digitais promovidos por bancos e corretoras de investimento, e que o brasileiro está cada vez mais conectado à internet, facilitando a gestão dos investimentos tanto por computadores quanto via aplicativos no celular (CVM, 2018).

Os dados da pesquisa do SPC Brasil (2018) trazem que somente um terço dos brasileiros costuma constituir uma reserva de dinheiro (32,5%), sendo que 21,4% poupam o que sobra do orçamento e 11,1% estipulam um valor a ser poupado previamente. Por outro lado, 55,9% não poupam, sendo que 52,5% não têm nenhuma reserva de dinheiro e 7,4% não poupam atualmente, mas têm alguma reserva. Para Kawuati (2018), muitas pessoas dão mais peso a eventos presentes e preferem satisfazer seus desejos de consumo mais imediatos ao invés de maximizar o valor dos ganhos no futuro e reservar uma parte de seu dinheiro para a realização de projetos maiores.

Mansur (2019) chama a atenção para que se entenda que, em certas situações emergenciais, nem mesmo cortar gastos será suficiente para resolver o problema, e que manter uma reserva financeira é fundamental em qualquer etapa da vida. Recomenda-se disciplina para começar, mesmo que seja com um valor pequeno, bem como poupar e investir regularmente.

Quando questionados sobre a principal vantagem que veem em investir, o ponto mais valorizado pelos brasileiros é a segurança do investimento escolhido, conforme a Figura 2 (ANBIMA, 2019).



Figura 2: Principal vantagem em investir. ANBIMA, 2019.

Observa-se que há uma parcela considerável da população (6% em 2018 e 5% em 2017) que simplesmente não vê nenhuma vantagem em investir; apenas 19% da população (em 2019) cita como principal vantagem o retorno financeiro que pode-se obter com a aplicação do valor, e 3% vê como vantagem guardar dinheiro a fim de não gastar com coisas desnecessárias.

Para Cardozo e Modesto (2019), as possibilidades de investimento no mercado financeiro do Brasil não apresentam restrições relacionadas a faixa social sendo, portanto, um mercado amplo e passível de aderência a qualquer interessado.

[...] pode-se perceber [...] a ausência de disseminação de informações acerca das possibilidades de investimento, principalmente para os integrantes da Nova Classe Média, que possuem renda de quatro a dez salários mínimos e incorporam um número elevado de integrantes migrados das classes D e E (CARDOZO; MODESTO; 2019; p. 3).

O desconhecimento em relação aos produtos financeiros por parte dos brasileiros é um fator que deve ser observado. Conforme a Figura 3, independentemente do nível de conhecimento dos brasileiros e se as modalidades apresentadas sejam consideradas um meio de investir dinheiro para obtenção de ganhos reais, muitas das escolhas por vezes são equivocadas (CVM, 2018). Como

exemplo, pode-se citar produtos que não trazem nenhuma rentabilidade, mas são considerados como investimentos por uma parcela da população: carros para uso próprio, títulos de capitalização e imóveis para moradia.

OPÇÕES QUE CONSIDERA UM TIPO DE INVESTIMENTO

RESPOSTAS – RU POR ITEM	SIM	NÃO	NÃO SEI
Conta poupança	88%	9%	3%
Apartamento ou casa para alugar a terceiros	79%	15%	6%
Fundos de investimento	77%	11%	12%
Apartamento ou casa para moradia	74%	20%	6%
Ações em bolsa de valores	70%	18%	12%
Dólar	68%	19%	13%
Previdência Privada	66%	20%	15%
Fundos imobiliários	66%	19%	15%
Tesouro direto	63%	17%	20%
Título de capitalização	58%	27%	15%
CDB	54%	16%	30%
Criptomoedas (bitcoin, litecoin, ethereum etc.)	43%	31%	26%
Carro particular para uso próprio	41%	49%	9%
Carro para transporte particular de outras pessoas	41%	46%	13%
Derivativos (contratos futuros e opções)	35%	28%	37%
LCI/LCA	34%	23%	42%
Debêntures	26%	27%	47%

Figura 3: Opções que considera um tipo de investimento. CVM, 2018.

A ANBIMA (2019), ao traçar o perfil do investidor brasileiro comum, chegou às seguintes conclusões gerais: 54% são homens, com idade média de 42 anos, possuem em média 2 filhos e renda familiar mensal média de cinco mil reais. 53% reside no sudeste do país, e 18% na região sul. Com relação à escolaridade, 47% tem ensino médio completo e 35% possui ensino superior. A maioria pertence à classe C (56%) e 84% trabalham ou tem atividade remunerada (destes, apenas 34% são assalariados com registro CLT, e 10% são autônomos).

2.1.1 O jovem investidor brasileiro

De acordo com a CNDL e SPC Brasil (2019), em pesquisa realizada com jovens brasileiros de 18 a 24 anos, descobriu-se que apenas 52% possui dinheiro guardado. Entre os que possuem valores guardados, 53% mantém os valores na poupança, 25%

guardam em casa e 20% na conta corrente. As razões apontadas por quem não guarda nenhuma quantia são as seguintes: 51% afirmam que nunca sobra dinheiro, 22% não têm disciplina para juntar dinheiro e 19% sentem-se desestimulados e sem esperança de juntar um bom valor a longo prazo, devido ao fato de sobrar pouco dinheiro.

Almeida (2019) diz que perfil do jovem investidor é guiado pela busca de resultados imediatistas e expressivos (o que geralmente é encontrado em investimentos agressivos). Porém, o perfil investidor universitário acaba sendo identificado como conservador ou moderado, em vista de que grande parte dos estudantes não possuem renda de livre utilização para destinar a investimentos (Almeida, 2019).

Outro dado interessante, apontado pela CVM (2019) em relação aos jovens brasileiros são que quando questionados sobre onde buscam orientações para decisões de como e onde investir, 63,1% buscam informações na internet e 38% e 50,6% recorrem ao auxílio de amigos e familiares. Em contrapartida, 74,1% dos idosos recorrem ao seu gerente de banco para tomar suas decisões de investimentos. Entre os que buscam informações em canais online, os mais procurados são os sites especializados em educação financeira (50,7%), os sites de bancos (50,4%), os Youtubers e influenciadores digitais (44,2%) e os sites de consultorias de investimentos (29,0%).

Para Costa (2019), embora a crise econômica e o índice de desemprego elevado contribuam para explicar em partes as dificuldades financeiras dos jovens, é necessário ressaltar a importância de investir na formação e na educação financeira dessa parcela da população.

[...] seu favor eles têm a enorme familiaridade com a tecnologia e o pensamento lógico, a fluidez ao transitar entre os ambientes físico e o online, a aptidão intrínseca para absorver e compreender novas formas de interação social mediadas pelos aplicativos e ferramentas online, bem como para colocar ideias novas em prática” (COSTA, 2019, p. 1).

Por mais que atualmente se tenha o acesso a grandes quantidades de informação, percebe-se que jovens investem em opções pouco ou nada rentáveis, com claro predomínio do uso das modalidades mais tradicionais e mostrando um perfil conservador com relação aos seus investimentos (CNDL e SPC Brasil, 2019).

2.1.2 Brasileiros que não investem

A fins de embasamento desta pesquisa, é fundamental entender não só as razões que levam os brasileiros a investirem, mas também os por-quês das que não investem. Para Cardozo e Modesto (2019), o fato de que não existirem disciplinas no currículo escolar (tanto do ensino fundamental quanto o médio) abordando o conhecimento em investimentos e finanças é um dos principais fatores. Tais disciplinas reforçariam o hábito de priorizar investimentos e poupar dinheiro, em vez de utilizarem seus recursos apenas o consumo.

Além da falta de conhecimento e da baixa propensão ao risco, há também a insegurança devido à crise econômica a qual o Brasil está inserido desde 2013, e que ainda tem reflexos expressivos nos resultados do PIB acabam fazendo com que os brasileiros não invistam (Cardozo e Modesto, 2019).

A ANBIMA (2019) traz dados interessantes a respeito dos brasileiros que não investiram em 2018 e 2019, conforme a Figura 4:

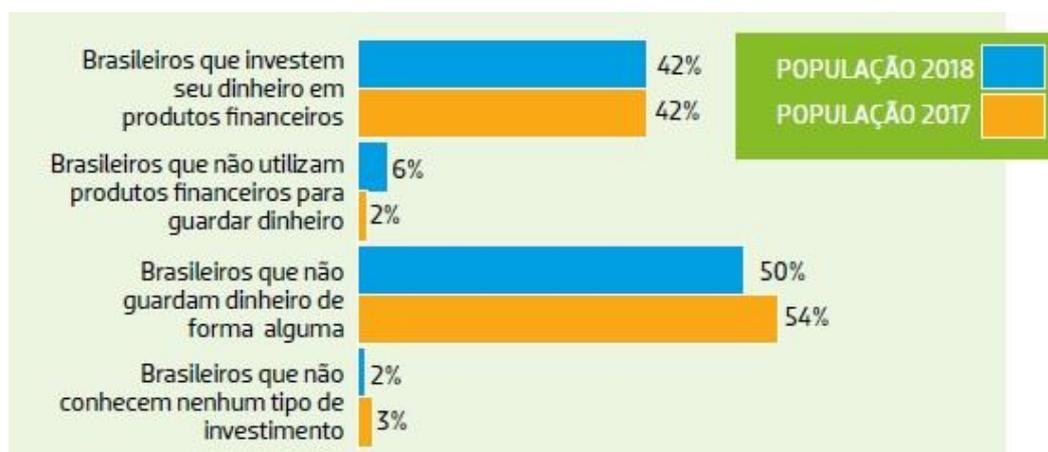


Figura 4: Brasileiros que não investem. ANBIMA, 2019.

Comparando os anos de 2017 e 2018, vemos pouca diferença entre os resultados; cabe frisar que menos da metade da população realiza algum tipo de investimento financeiro, e que há quem guarde dinheiro sem a utilização dos mesmos. Em 2018, mais da metade (58%) da população não investiu (ANBIMA, 2019).

Para Junior (2019), o hábito de não investimento e a falta de planejamento das finanças pessoas são frutos de uma sociedade onde o imediatismo e o consumismo

são muito incentivados e estão cada vez mais presentes, fazendo com que as pessoas gastem mais do que ganham – acabando com qualquer possibilidade de investimento.

Salienta-se que é preocupante o fato de que grande parte da população, e especificamente a população com mais de 60 anos (57%) não possui qualquer tipo de reserva ou investimento financeiro, o que preocupa visto que a população idosa aumenta no Brasil todos os anos e a tendência é que tenhamos muitos idosos sem uma tranquilidade financeira em sua aposentadoria visto que os adultos de agora não possuem esta visão se atentando ao longo prazo (Junior, 2019).

Analisado pela ANBIMA (2019), o perfil do investidor brasileiro que não investe conta com as seguintes características comuns: 73% pertencem à classe C, renda familiar mensal de R\$3600,00 e possuem em média 41 anos. 22% residem na região nordeste e 6% na região norte e possuem ensino fundamental ou médio como escolaridade.

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Conforme Mendes e Ferreira (2012), desde o surgimento do dinheiro houve a necessidade de se pensar sobre ele, ou seja, pensar de forma ampla, em como gastar e como investir, encontrar um equilíbrio em sua dinâmica.

Para Saito, Savoia e Santana (2007), pode-se definir a educação financeira como:

[...] um processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendação claras, possam desenvolver habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentais e com segurança, melhorando o seu bem-estar financeiro (SAITO; SAVOIA; SANTANA; 2007 p.15).

Já em outra definição, de forma mais geral, Saito, Savoia e Santana (2007), a educação financeira significa:

[...] o conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso de recursos financeiros pessoais. É a capacidade de tomar decisões apropriadas na gestão das próprias finanças. Não deve ser confundida com o ensino de técnicas ou macetes de como ganhar dinheiro. (SAITO; SAVOIA; SANTANA; 2007 p.16).

Entende-se que a educação financeira tem como objetivo, além de propor e estimular formas de planejamentos na administração dos recursos pessoais,

proporcionar ao indivíduo o conhecimento necessário para atuar com segurança como investidor, consumidor e no mercado. Mendes e Ferreira (2012) afirmam que a educação financeira traz a ideia de disciplinar o indivíduo a administrar de forma eficiente suas finanças, para que desta forma se tornem mais valorizadas diante às circunstâncias de consumo, assim como nas situações de investimento.

Machado (2011) diz que a educação financeira deve ser trabalhada fortemente pelas instituições de ensino, como também em ambiente familiar. Conhecimentos sobre a gestão do dinheiro, como poupar e investir uma parte de seu orçamento, controlar gastos e planejamento financeiro de forma geral devem ser consolidados a fim de evitar que tenhamos uma população endividada. As crianças não são estimuladas a desenvolver habilidades financeiras, o que torna a educação financeira importante para que desde cedo se aumente a consciência em lidar com o dinheiro, solucionar problemas e gerar dinheiro de forma eficiente.

[...] é preparar o aluno para o mundo real, atual. Onde o dinheiro e o poder são pontos centrais nesse mundo e que não se nega o fato de que dinheiro gera poder. A compreensão do funcionamento do dinheiro é fundamental para se estabelecer uma boa relação com ele (MACHADO; 2011, p. 19).

Souza (2014) considera importante que as pessoas entendam sobre o mercado para que quando lerem uma informação saibam o que ela significa e qual o impacto que aquilo terá no mercado e nas suas aplicações. Logo, entende-se que quanto maior a educação financeira, maior o proveito, mais qualidade de vida e menos endividamentos desnecessários.

Conforme as afirmações de Almeida (2019), a disseminação da informação é a grande ferramenta para que a população consiga usufruir de forma positiva dos benefícios oferecidos pelas instituições financeiras. A falta de educação financeira eleva os índices de inadimplência, e esses índices altos afetam negativamente tanto o consumidor quanto as instituições, o que acaba prejudicando a oferta saudável de linhas de financiamento e de crédito.

Amancio e Dourado (2020) consideram que a educação financeira é a porta de entrada para as mais variadas questões que englobam o mundo dos negócios.

[...] a partir do momento que o indivíduo entende a gestão financeira, mais rápido ele entenderá também a importância do empreendedorismo, dos negócios, investimentos, e diversos outros aspectos que o levará a impulsionar a economia, tanto doméstica quanto empresarial (AMANCIO, DOURADO, 2020, p. 3).

Quando bem difundida, a educação financeira auxilia as pessoas para que as decisões tomadas sejam mais próximas da sua realidade, bem como a elaborar um diagnóstico mais apurado da situação em que se encontram (Bodur, 2016). Ressalta-se também pelo autor (2016) que, uma vez que os indivíduos trabalham e ganham dinheiro, é uma questão de planejamento pessoal aplicar a educação financeira adquirida para que se utilize seus recursos da melhor forma possível. Ao colocar este conhecimento em prática, situações adversas como o endividamento acima do nível suportável, ausência de reservas para situações emergenciais ou incapacidade de adquirir um ativo de alto valor (como por exemplo um imóvel ou um veículo) podem ser evitadas.

2.3 API – ANÁLISE DO PERFIL DO INVESTIDOR

Para a ANBIMA (2017), a escolha de um produto de investimento precisa partir da definição do seu perfil. Resumidamente, o API trata-se de um questionário no qual você dá à instituição financeira informações como idade, horizonte de aplicação, finalidade do investimento e tolerância ao risco. A partir destas informações, a instituição irá avaliar a sua tolerância ao risco e assim oferece produtos financeiros de acordo com o seu perfil.

[...] além de entender quanto risco você está disposto a tomar, deve se perguntar “aonde eu quero chegar?”, para identificar qual é o seu objetivo com aquele dinheiro.[...] “Em quanto tempo eu quero chegar lá?”. Depois, é preciso responder “Quanto eu tenho hoje?”, que vai permitir saber se a meta traçada é viável (ANBIMA, 2017, p. 1).

Segundo Silva (2020), é obrigatória a verificação do perfil do investidor pelas instituições financeiras antes de recomendar qualquer produto de investimento. Como o perfil pode se alterar ao longo do tempo, a análise deve ser renovada a cada 24 meses – se vencida, também não se pode recomendar novos investimentos pois o API acaba perdendo sua validade. De acordo com Silva (2020), se o investidor desejar realizar um investimento que esteja fora do recomendado para o seu perfil ou se estiver o API desatualizado, o mesmo poderá fazê-lo, desde que assine uma declaração de inadequação, mostrando estar ciente de sua decisão.

As normas exigidas pela ANBIMA com relação à aplicação do API estão presentes no “Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para Distribuição de Produtos de Investimento”, conforme artigo 45:

Art. 45. “As Instituições Participantes, no exercício da atividade de Distribuição de Produtos de Investimento, não podem recomendar Produtos de Investimento, realizar operações ou prestar serviços sem que verifiquem sua adequação ao perfil do investidor”. (ANBIMA, 2020, p. 32).

Para Silva (2020), há três pontos importantes que devem ser identificados com o API: adequação ao objetivo (período em que o investimento será mantido, preferências de risco, finalidade do investimento), compatibilidade com a situação financeira (valor das receitas regulares, composição do patrimônio, necessidade futura de recursos) e o conhecimento do investidor (produtos financeiros já conhecidos, operações já realizadas, formação acadêmica e profissional).

Sendo assim, é possível dividir os perfis de investidor em três grupos com características e objetivos distintos: conservadores, moderados e agressivos, conforme Fayh (2020).

2.3.1 Perfil conservador

Fayh (2020) considera que o investidor conservador procura alta liquidez, não possui tolerância a perdas e busca preservar seus recursos. Este perfil é mais encontrado em pessoas avessas à risco, com objetivos de curto e médio prazo e geralmente em quem está começando sua vida de investidor.

Conforme Scharen (2018), temos como exemplos de investimentos que atendam às necessidades desse público estão os CDBs, poupança, títulos públicos, LCI, LCA, entre outros que possuem garantias como o FGC. Como já trazido anteriormente, este é o perfil mais encontrado na população brasileira e especificamente entre as pesquisas realizadas com alunos de universidades já apresentados nesta pesquisa.

2.3.2 Perfil moderado

Altmann (2017), diz que o investidor moderado assume riscos um pouco maiores quando comparados aos conservadores, e busca uma rentabilidade acima do padrão do mercado. Aceita perdas controladas e diversifica a sua carteira de investimentos, para que isso lhe traga segurança.

Para Schauen (2018), o investidor moderado busca aplicar uma parte considerável do seu capital em renda fixa, em fundos multimercado, fundos em ações alguma parte aplicada em investimentos ações e fundos imobiliários. Fayh (2020) afirma que este perfil não abre mão da proteção patrimonial, e pode ainda investir em fundos de investimento, fundos imobiliários e fundos multimercado.

2.3.3 Perfil agressivo

O investidor cujo perfil é considerado agressivo eleva o percentual dos seus ativos em produtos financeiros que apresentam maior risco, mas que podem proporcionalmente alcançar volumes maiores de ganhos financeiros (Moraes, 2011).

Fayh (2020) diz que o investidor agressivo não despreza a renda fixa como forma de investimento, no entanto há uma presença maior de ativos de renda variável em suas carteiras, pois elas trazem uma rentabilidade maior. Além das possibilidades indicadas para os perfis conservador e moderado, Fayh (2020) afirma que o perfil agressivo também investe em derivativos, opções, ações, fundos imobiliários e criptomoedas.

3 MÉTODO

Por meio do referencial teórico, traz-se o entendimento de tópicos-chave da análise e definição do perfil dos investidores brasileiros, e mostra-se também os aspectos importantes a respeito da educação financeira no país e de hábitos financeiros da população. Com estas informações define-se o modelo teórico que guiará os próximos passos do trabalho.

A fim de analisar o perfil do investidor dos alunos da Escola de Administração, é necessário que colem-se dados que venham diretamente destes alunos. Desta forma, optou-se por realizar um estudo quantitativo, de caráter descritivo. Segundo Goldenberg (2004), os métodos quantitativos pressupõem uma população de objetos de estudo comparáveis, na qual os dados coletados possam vir a ser generalizados. Para Creswell (2010), um estudo quantitativo é aquele onde o investigador usa questões e hipóteses de pesquisa para focar nos objetivos de estudo do trabalho.

A pesquisa descritiva, para Mattar (2012), verifica as características dos grupos e a relação entre as variáveis, bem como estima proporções de determinadas características. De acordo com Mattar (2012), a pesquisa descritiva pode contar com descrições estatísticas: medidas de tendência central (média, moda, mediana), medidas de dispersão (distribuição de frequências simples e cruzada; desvio médio e desvio-padrão) e redução (análise dos componentes principais e análise fatorial).

Dentro da pesquisa quantitativa, escolheu-se a utilização da survey para demonstrar o método com a melhor aplicação para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados. Para Mello (2003), a survey é definida como uma forma de coleta de informações diretamente de pessoas e que diz respeito a seus sentimentos, saúde, planos, ideias, crenças e de fundo social, educacional e financeiro. Levando todos estes fatores em consideração, optou-se enfim por utilizar a survey do tipo descritiva para realizar o presente estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos sem que o pesquisador realize algum tipo de interferência.

3.1 POPULAÇÃO

De acordo com Malhotra e Birks (2006), uma população pode ser definida como o agregado de todos os elementos que compartilham as características que visam ser analisadas em um determinado estudo. Por conta disso, define-se que a população deste estudo engloba todos os estudantes de graduação do curso de Administração da Escola de Administração da UFRGS, desde os matriculados no primeiro até o décimo semestre. Ressalta-se que os alunos do curso de Administração Pública e Social da UFRGS não foram considerados neste estudo. Segundo dados da Escola de Administração (2020), a cada semestre a Escola recebe 120 alunos no curso de Administração (80 alunos do curso noturno, e 40 do diurno), e no segundo semestre de 2020 o número total de alunos de graduação em Administração foi de 1600 alunos. Este número serviu de base para o cálculo da amostra da população necessária para a validação deste estudo.

3.2 AMOSTRA

Amostra, para Malhotra e Birks (2006), é definida como um subgrupo da população selecionada para participar de um estudo, cujas estatísticas retiradas desta amostra são utilizadas para que se façam inferências sobre parâmetros da população. Malhotra e Birks (2006) afirmam que quando uma pequena parte dos elementos que compõem o universo (ou seja, a amostra) são selecionados, espera-se que ela seja representativa com relação à população que se pretende estudar. A amostra desta pesquisa se dá em cima do número de alunos de graduação em Administração matriculados no segundo semestre de 2020, um total de 1600 alunos.

De acordo com a Survey Monkey (2020), quanto maior o tamanho da amostra, maior é a relevância estatística dela, ou seja, as chances de os resultados serem coincidência é muito menor. Para realizar o cálculo da amostra necessária para este estudo, utilizou-se a seguinte fórmula, representada na Figura 5:

$$\text{Tamanho da amostra} = \frac{\frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2}}{1 + \left(\frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2 N} \right)}$$

N = tamanho da população
e = margem de erro (porcentagem)
z = nível de confiança (score z)

Figura 5: fórmula para cálculo de tamanho amostral em população finita. Survey Monkey, 2020.

Com base no cálculo de tamanho de amostra necessário em uma população finita, utiliza-se a margem de erro de 5% e 95% de nível de confiança (na fórmula, o número é dado como “score Z”). Por conta destes fatores, entende-se que questionário desta pesquisa deveria ser respondido por ao menos 232 alunos para que possa ser validado.

3.3 COLETA DE DADOS

De acordo com Malhotra e Birks (2006), o instrumento de coleta de dados é um conjunto de questões cujo objetivo é obter informações sobre os respondentes. O instrumento escolhido para coletar as informações necessárias a esta pesquisa foi um questionário. Lakatos e Marconi (2003) afirmam que as perguntas do questionário devem estar em sincronia com os objetivos da pesquisa, e que as principais vantagens do uso de um questionário são a possibilidade de atingir um número grande de indivíduos, a maior liberdade para responder verdadeiramente por conta do anonimato, a economia de tempo e também a minimização do risco da influência do pesquisador distorcer as respostas.

O questionário foi elaborado pela autora com base no referencial teórico desta pesquisa, e foi dividido em quatro partes. A primeira parte inicia com uma pergunta crucial para que se continue ou não a responder o restante do questionário, onde pergunta-se se o indivíduo é aluno de Administração da UFRGS atualmente; caso não seja, a pesquisa encerra-se nesta mesma questão, o restante da primeira parte traz perguntas referentes às características da população: gênero, idade, estado civil, se já trabalhou em instituição financeira. Na segunda parte, encontram-se questões sobre as características financeiras como a renda média mensal e a porcentagem da

renda que é investida no mês. A terceira parte refere-se às perguntas que de fato realizam a divisão do investidor entre conservador, moderado ou agressivo, fazendo uma análise nos fatores relevantes para que se chegue no perfil adequado. Por fim, a quarta parte traz perguntas relacionadas à educação financeira e investimentos pessoais: elaborou-se uma tabela para se obter respostas quanto ao grau de influência considerado pelo respondente em diversos fatores apontados na pesquisa, com relação aos seus investimentos pessoais. Esperou-se descobrir se os alunos possuem a percepção de que o ensino financeiro aplicado na Escola de Administração da UFRGS influencia na escolha de seus investimentos, e quais outros fatores relevantes são considerados como influências na hora de investir suas economias.

O questionário foi divulgado em redes sociais utilizadas pela população em questão e enviado via e-mail para os alunos. Na divulgação, foi utilizado um link de acesso para a plataforma Google Forms, cujas informações ficaram armazenadas na nuvem; as informações foram então convertidas para uma planilha compatível com o Microsoft Excel.

3.4 PROCESSAMENTO DE DADOS

Após a fase de coleta de dados e da tabulação de todas as informações para o Microsoft Excel, estes foram analisados por meio de técnicas estatísticas, utilizando um software pertinente para tal. Na presente pesquisa, escolheu-se o software o IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para realizar o processamento dos dados, e então ser possível analisar as informações obtidas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida com os alunos nos meses de janeiro e fevereiro de 2021, e no total foram obtidas 283 respostas, das quais 261 foram consideradas válidas – de alunos que atualmente estão cursando a graduação em Administração na UFRGS. O grau de confiança da pesquisa é de pouco mais de 92% (com $z = 1,96$ a quantidade de amostra para 95% de confiança é de 257 respostas).

Por meio dos resultados do questionário, foi possível observar que os alunos em Administração da UFRGS são, em sua maioria, homens (59%), possuem entre 22 e 24 anos (42,6%), são solteiros (87,4%), tem renda individual mensal entre R\$1.000,01 e R\$3.500,00 (sendo 30,3% renda entre R\$1.000,01 e R\$2.000,00, e 29,5% renda entre R\$2.000,01 e R\$3.500,00), sua renda familiar mensal gira em torno de R\$3.000,01 e R\$6.000 (26,4%) e residem em Porto Alegre (75,9%).

Com relação ao tempo em que estão cursando a faculdade, dividiu-se os estudantes entre: “estudantes que se encontram no início da faculdade – primeiro à terceiro semestre”, que representam 27,2% dos entrevistados; “estudantes que se encontram na metade da faculdade – quarto ao sétimo semestre”, representados por 28,7% das respostas, e “estudantes que se encontram no final da faculdade”, que representam 44,1% das respostas obtidas. Através do software SPSS, elaborou-se diversos cruzamentos de dados utilizando principalmente a comparação entre estes três grupos de alunos, a fim de verificar suas semelhanças e diferenças.

Quando analisada a renda individual mensal, percebe-se que há um aumento da renda dos alunos no decorrer dos semestres conforme a Figura 6.

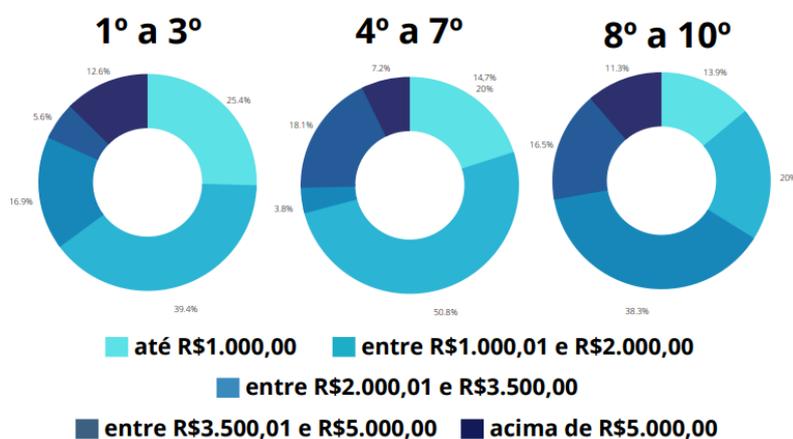


Figura 6: renda mensal individual. Fonte: elaborado pela autora.

Do primeiro ao terceiro semestre, 39,4% recebem entre R\$1.000,01 e R\$2.000,00, 25,4% recebem até R\$1.000,00 por mês e 16,9% entre R\$2.000,01 e R\$3.500,00. Já do quarto ao sétimo semestre, o cenário já muda: 37,3% ganham de R\$1.000,01 a R\$2.000,00, 28% entre R\$2.000,01 e R\$3.500,00 e apenas 14,7% até R\$1.000,00 mensais. Do oitavo ao último semestre, uma boa parte dos alunos recebe entre R\$2.000,01 e R\$3.500,00 (38,3%), 20% recebem entre R\$1.000,01 e R\$2.000,00 e 13,9% o valor máximo de R\$1.000,00 mensais. Essa crescente também é percebida quando se fala da renda familiar mensal, visto que o aumento da renda do aluno implica no aumento da renda familiar. A nível de comparação, a renda familiar entre R\$6.000,01 a R\$10.000,00 é a renda da família de 12,7% das famílias de primeiro a terceiro semestre, 26,7% de quarto a sétimo e de 29,6% do oitavo ao décimo semestre.

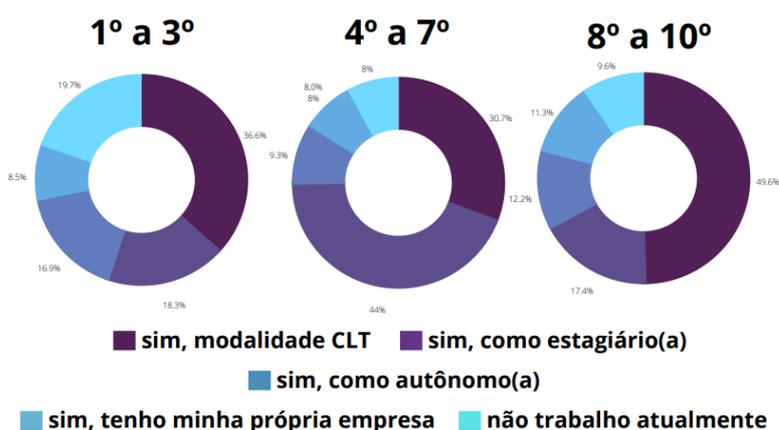


Figura 7: trabalho atual dos alunos. Fonte: elaborado pela autora.

A Figura 7 traz dados a respeito do trabalho atual dos alunos, comparando entre os grupos de semestres. Analisando a porcentagem de alunos que trabalham atualmente, percebe-se que 40,6% trabalham como modalidade CLT (sendo 36,6% do primeiro ao terceiro semestre, 30,7% do quarto ao sétimo e 49,6% do oitavo ao décimo semestre), 25,3% trabalham como estagiários (18,3% dos alunos de primeiro a terceiro semestre, 44% do quarto ao sétimo semestre e apenas 17,4% do oitavo ao décimo semestre). Os alunos que não trabalham representam 10,7% dos alunos, um número abaixo do último divulgado pelo IBGE (2021) trazendo dados de setembro a novembro de 2020, que representa 14,1% dos brasileiros. O desemprego é maior entre alunos de primeiro a terceiro semestre (15,5%), vai para 8% em alunos de quarto a sétimo semestre e aumenta em 9,6% nos alunos de oitavo a décimo semestre.

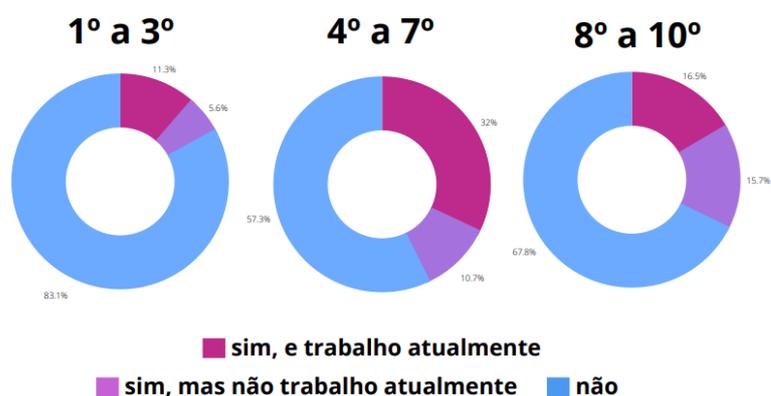


Figura 8: alunos que trabalham em instituições financeiras. Fonte: elaborado pela autora.

Um dado que chamou atenção é que um número considerável de alunos já trabalhou ou atualmente trabalha em uma instituição financeira – 31%. Conforme apresentado na Figura 8, a maior concentração dá-se em alunos de quarto a sétimo semestre, onde 42,7% trabalham ou trabalharam em instituição financeira, seguido de 32,5% de oitavo a décimo semestre. 19,5% dos alunos da Escola de Administração trabalham atualmente em instituições financeiras, praticamente um quinto dos alunos. Destes, 11,3% encontram-se estudando do primeiro ao terceiro semestre, 32% de quarto a sétimo semestre e 16,5% de oitavo a décimo.

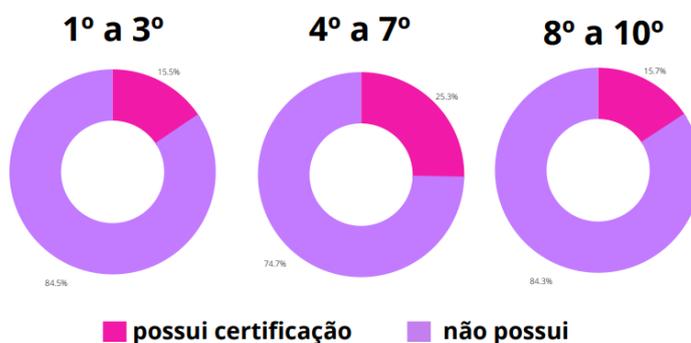


Figura 9: alunos que possuem certificação financeira. Fonte: elaborado pela autora.

Há também muitos alunos que possuem certificações no mercado financeiro: 18,4% no total de alunos. Conforme a Figura 9, a maioria novamente entre os que estão entre quarto e sétimo semestre (25,3%); de primeiro a terceiro e de oitavo a décimo semestre, a porcentagem é praticamente a mesma: 15,5% e 15,7% respectivamente.

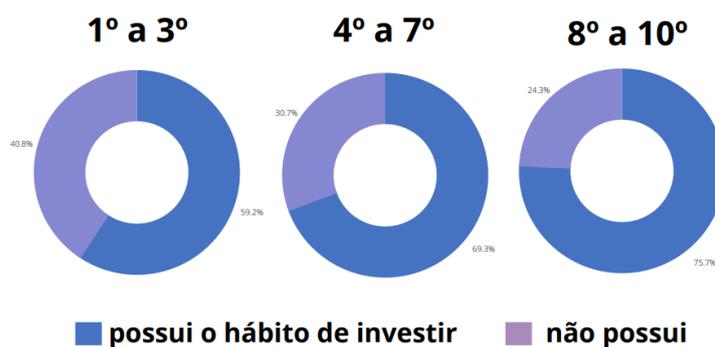


Figura 10: hábito de investir dos alunos. Fonte: elaborado pela autora.

A maioria dos alunos possui o hábito de investir (69,3%), e este número cresce na medida em que este aluno vai dos semestres iniciais para os finais. De acordo com a Figura 10, 59,3% dos alunos do primeiro a terceiro semestre têm o hábito de investir, subindo para 69,3% nos de quarto a sétimo e chegando a 75,7% nos alunos de oitavo a décimo. Sobre a frequência dos investimentos, 54,8% alega investir mensalmente e 17,6% no total afirma nunca investir.

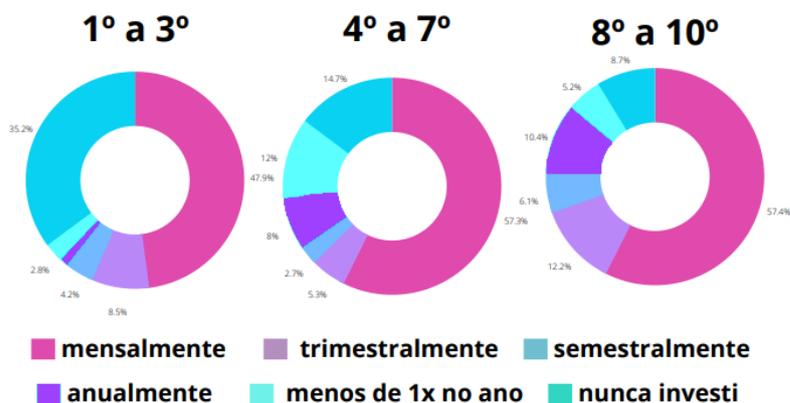


Figura 11: frequência de investimento dos alunos. Fonte: elaborado pela autora.

Na Figura 11, analisa-se que os alunos que investem mensalmente correspondem a 47,9% dos alunos de primeiro a terceiro semestre; 57,3% e 57,4% de quarto a sétimo e de oitavo a décimo, praticamente a mesma porcentagem de alunos. Já os que não investem predominam entre alunos de primeiro a terceiro (35,2%), enquanto representam 14,7% dos alunos de quarto a sétimo semestre e apenas 8,7% dos alunos de oitavo a décimo.

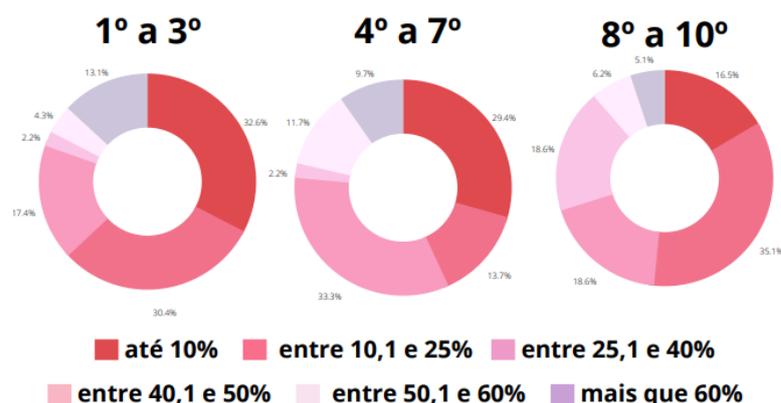


Figura 12: porcentagem de renda investida dos alunos. Fonte: elaborado pela autora.

Diferenças são percebidas também na porcentagem de renda investida pelos alunos, em relação ao semestre em que estudam. Na Figura 12, é possível observar que conforme os alunos vão subindo de semestre, a porcentagem da sua renda investida também é maior. Os alunos que investem até 10% da renda correspondem a 32,6% dos que estão no primeiro até o terceiro semestre, cai para 24,6% nos de quarto a sétimo e 16,5% de oitavo a décimo. Os que investem de 10,1 a 25% somam 30,4% dos alunos de primeiro a terceiro, 11,5% dos de quarto a sétimo e 35,1% de oitavo a décimo semestre. Entre os que investem de 25,1 a 40%, temos 17,4% de primeiro a terceiro semestre, 27,9% de quarto a sétimo e 18,6% de oitavo a décimo. Apenas 2,2% dos alunos de primeiro a terceiro semestre investem de 40,1 a 50% da renda, enquanto 18% dos de quarto a sétimo e 18,6% dos de oitavo a décimo semestre investem tal porcentagem. Apenas 4,3% dos alunos de primeiro a terceiro semestre investem entre 50,1 a 60% da renda; esse número vai para 9,8% entre os alunos de quarto a sétimo e 6,2% nos de oitavo a décimo. São poucos os alunos que investem mais do que 60% de sua renda: 13,1% de primeiro a terceiro semestre, 8,1% de quarto a sétimo e 5,1% de oitavo a décimo.

4.2 COMO OS ALUNOS INVESTEM

Diversos questionamentos foram realizados a fim de averiguar como e no que os alunos investem, seus objetivos e horizontes nos valores que estão aplicando. Para que se possa classificar as respostas, aqui as dividiremos entre “conservador”,

“moderado” e “agressivo”, dependendo do que cada resposta significa. Para tais classificações, as respostas na alternativa “não se aplica” foram desconsideradas.

Quando questionados quanto ao seu objetivo com os seus investimentos, classificam-se as alternativas da seguinte forma: preservar meu capital para que não perca valor ao longo do tempo, assumindo poucos riscos e perdas = conservador; aumentar o capital com taxa acima da média do mercado, disposto a correr alguns riscos e perdas = moderado; obter retornos elevados no curto prazo e com taxas acima da média no mercado, disposto a correr riscos elevados = agressivo. 16,7% dos entrevistados marcaram a alternativa “não se aplica”.

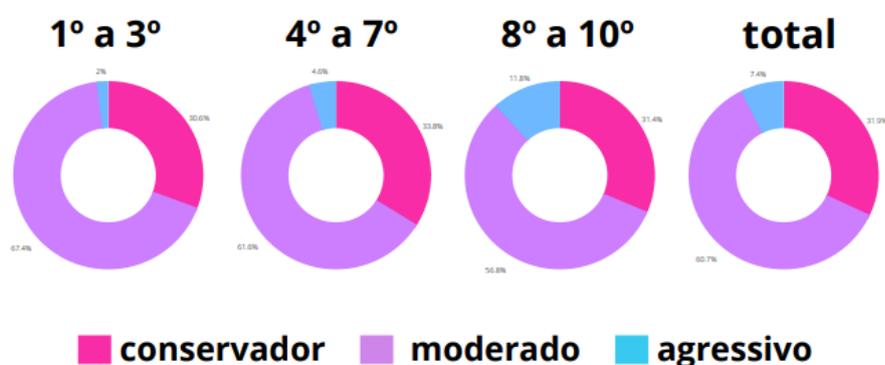


Figura 13: objetivos com relação aos investimentos. Fonte: elaborado pela autora.

Na Figura 13, observa-se que em relação aos objetivos para seus investimentos, os alunos de primeiro a terceiro semestre se dividem como: 30,6% conservadores, 67,3% moderados e 2% agressivos. De quarto a sétimo semestre, divide-se em 33,8% moderados, 61,5% moderados e 4,6% agressivos; por fim, os alunos de oitavo a décimo são 31,4% conservadores, 56,9% moderados e 11,8% agressivos. De modo geral, apenas destaca-se o aumento do perfil agressivo nos semestres finais, e no restante pode-se dizer que não há uma diferença significativa entre os semestres.

Quanto ao tempo em que pretendem deixar seus recursos investidos, classificam-se as alternativas como: até um ano = conservador; um a cinco anos = moderado; mais do que cinco anos = agressivo. Na Figura 14, pode-se observar que, neste aspecto, a maioria dos alunos apresenta-se com caráter agressivo.

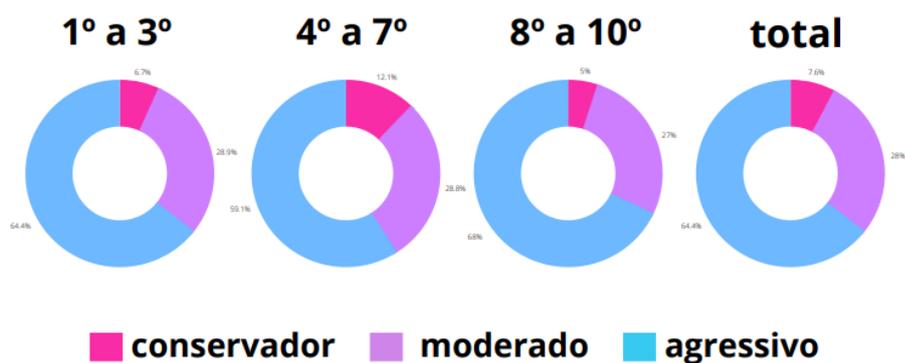


Figura 14: tempo que pretendem deixar seu dinheiro investido. Fonte: elaborado pela autora.

Os alunos de primeiro a terceiro semestre classificam-se como: 6,7% conservadores, 28,9% moderados e 64,4% agressivos. Entre os de quarto a sétimo semestre, 12,1% são considerados conservadores, 28,8% moderados e 59,1% agressivos. Por fim, os alunos dos semestres finais (oitavo a décimo) são 5% conservadores, 27% moderados e 68% agressivos. Aqui, percebe-se que sutilmente os alunos possuem uma tendência a terem perfil mais agressivo nos semestres finais, e menos conservador se comparado aos alunos de semestres de início e de metade da graduação.

Sobre a liquidez dos seus investimentos, classificamos como conservador: quero totalidade dos recursos disponíveis para resgate imediato; como moderador, aqueles que responderam que precisam de até 50% dos recursos disponíveis para resgate imediato. Tanto os que responderam que não precisam de nenhuma liquidez, como os que responderam que precisam de até 25% dos recursos para resgate imediato foram classificados como “agressivo”. As respostas obtidas na pesquisa estão representadas na Figura 15.

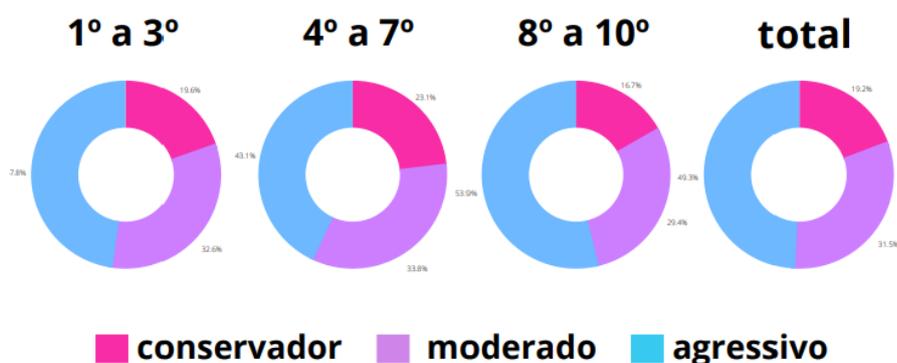


Figura 15: liquidez dos investimentos. Fonte: elaborado pela autora.

Os alunos de primeiro a terceiro semestre são 19,6% conservadores, 32,6% moderados e 47,8% agressivos. Entre os de quarto a sétimo semestre, 23,1% são conservadores, 33,8% moderados e 43,1% agressivos. Nos semestres finais, 16,7% são conservadores, 29,4% moderados e 53,9% agressivos. Aqui, também vê-se que de oitavo a décimo semestre temos menos alunos conservadores e mais alunos agressivos, se comparados ao restante dos semestres.

4.3 NO QUE OS ALUNOS INVESTEM

Existem vários tipos de investimentos. Na pesquisa, deram-se algumas modalidades de investimento aos alunos, para que marcassem entre três alternativas: “nunca investi”, “invisto atualmente” ou “já investi no passado”. Alguns investimentos são característicos de investidores mais conservadores; outros, de investidores com perfil agressivo. Aqui, compara-se também os alunos entre os grupos de semestres iniciais, da metade do curso e finais, conforme as tabelas a seguir.

		1º a 3º	4º a 7º	8º a 10º	Total
Poupança	Invisto atualmente	18,3%	20,0%	17,4%	18,4%
	Já investi no passado	59,2%	46,7%	60,9%	56,3%
	Nunca investi	22,5%	33,3%	21,7%	25,3%

Tabela 1: investimento em poupança. Fonte: elaborada pela autora.

Na Tabela 1, tem-se um dos investimentos mais comuns e conhecidos dos brasileiros, e também o mais conservador entre as alternativas apresentadas. Observa-se que os resultados se divergiram pouco entre os grupos de semestres, exceto nos alunos que investiam no passado em poupança: eles são 46,7% entre os alunos de quarto a sétimo semestre, mas sobem para 59,2% e 60,9% nos alunos de primeiro a terceiro e nos de oitavo a décimo semestre, respectivamente. Entre os alunos que investem atualmente em poupança, correspondem a aproximadamente um quinto dos alunos apenas, e não possuem diferença significativa entre alunos de diferentes semestres.

		1a3	4a7	8a10	Total
LCI / LCA	Invisto atualmente	14,1%	16,0%	13,0%	14,2%
	Já investi no passado	12,7%	4,0%	18,3%	12,6%
	Nunca investi	73,2%	80,0%	68,7%	73,2%

Tabela 2: investimento em LCI e LCA. Fonte: elaborada pela autora.

Os investimentos em LCI e LCA são considerados conservadores ou moderados, e de acordo com a Tabela 2 vê-se que os resultados encontrados foram muito parecidos com os dos encontrados nos investimentos em poupança: poucos alunos investindo atualmente, e a maioria sem nunca ter investido. A diferença mais significativa encontrada foi quanto aos alunos que investiram em LCI e LCA no passado, pois 12,7% dos alunos dos semestres iniciais já investiram; esse número cai para 4% nos semestres da metade do curso e então sobe para 18,3% nos semestres finais.

		1a3	4a7	8a10	Total
Títulos Públicos Federais	Invisto atualmente	23,9%	28,0%	38,3%	31,4%
	Já investi no passado	19,7%	12,0%	18,3%	16,9%
	Nunca investi	56,3%	60,0%	43,5%	51,7%

Tabela 3: investimento em títulos públicos federais. Fonte: elaborada pela autora.

Com relação ao investimento em títulos públicos federais, observa-se na Tabela 3 que os mesmos são mais populares entre os alunos de oitavo a décimo semestre: 38,3% investem atualmente e 18,3% já investiram. Ressalta-se que 60% dos alunos de quarto a sétimo semestre nunca investiram em títulos públicos, e 56,3% dos de primeiro a terceiro semestre. Os títulos são considerados investimentos conservadores.

		1a3	4a7	8a10	Total
CDB	Invisto atualmente	31,0%	46,7%	53,0%	45,2%
	Já investi no passado	15,5%	12,0%	17,4%	15,3%
	Nunca investi	53,5%	41,3%	29,6%	39,5%

Tabela 4: investimento em CDB. Fonte: elaborada pela autora.

Na Tabela 4, é possível perceber que o CDB é um investimento mais comum aos alunos da Administração da UFRGS em relação aos três primeiros investimentos apresentados, e também é um investimento de caráter conservador. 53% dos alunos dos semestres finais investem em CDB, e 17,4% já investiram; 46,7% dos alunos de quarto a sétimo investem e 12% já investiram. O número cai razoavelmente nos alunos de semestres iniciais: 31% investe atualmente e 15,5% investiram no passado.

		1a3	4a7	8a10	Total
Fundos Multimercado / Fundos em Ações	Invisto atualmente	19,0%	22,0%	29,5%	24,5%
	Já investi no passado	1,4%	10,6%	12,6%	9,0%
	Nunca investi	79,6%	67,4%	57,9%	66,5%

Tabela 5: investimento em fundos multimercado ou fundos em ações. Fonte: elaborada pela autora.

Quem investe em fundos multimercado e fundos em ações geralmente possui perfil moderado ou agressivo, embora em alguns casos o fundo multimercado também possa ser utilizado nos perfis conservadores. Conforme Tabela 5, são investimentos mais comuns nos alunos de oitavo a décimo semestre (29,5% investem atualmente e 12,6% já investiram); entre os alunos de quarto a sétimo, 22% investem atualmente e 10,6% já investiram. 79,6% dos alunos dos semestres iniciais nunca investiram nestes fundos.

		1a3	4a7	8a10	Total
Ações	Invisto atualmente	39,4%	44,0%	53,0%	46,7%
	Já investi no passado	4,2%	6,7%	3,5%	4,6%
	Nunca investi	56,3%	49,3%	43,5%	48,7%

Tabela 6: investimento em ações. Fonte: elaborada pela autora.

Um número expressivo de alunos da graduação em Administração da UFRGS investe em ações, conforme Tabela 6. Analisando de primeiro para terceiro, de quarto para sétimo e de oitavo para décimo, correspondem respectivamente a 39,4%, 44% e 53% dos alunos. As ações são investimentos mais adequadas ao perfil agressivo e também aparecem em investimentos de perfis moderados, e percebe-se que há uma tendência maior dos alunos optarem por este investimento na medida que avançam nos semestres do curso.

		1a3	4a7	8a10	Total
Fundos de Investimento Imobiliário	Invisto atualmente	25,4%	34,7%	30,4%	30,3%
	Já investi no passado	1,4%	5,3%	5,2%	4,2%
	Nunca investi	73,2%	60,0%	64,3%	65,5%

Tabela 7: investimento em fundos de investimento imobiliário. Fonte: elaborada pela autora.

Os fundos de investimento imobiliários são procurados por investidores agressivos e moderados, e formam a carteira de 30,3% dos alunos da Administração atualmente. Percebe-se na Tabela 7 que o número de investidores é menor nos alunos de primeiro a terceiro semestre, sobe significativamente entre alunos de quarto a sétimo; o percentual baixa quando analisam-se os alunos de oitavo a décimo. Isso mostra que, embora a diferença entre os semestres não seja muito alta, não há uma crescente como a encontrada no caso das ações, já que 73,2% dos alunos dos semestres iniciais nunca investiram nos fundos, indo para 60% em alunos de quarto a sétimo e então 65,5% nos de oitavo a décimo.

		1a3	4a7	8a10	Total
Derivativos e Opções	Invisto atualmente	7,8%	6,0%	3,0%	5,1%
	Já investi no passado	2,1%	3,4%	3,9%	3,3%
	Nunca investi	90,1%	90,6%	93,1%	91,6%

Tabela 8: investimento em derivativos e opções. Fonte: elaborada pela autora.

Tanto derivativos quanto opções são investimentos predominantemente de perfis agressivos. Na Tabela 8, percebe-se que são impopulares entre os alunos da Administração de modo geral, e também que possuem pouca variância entre os grupos de semestres. Os alunos que mais investem neste mercado atualmente são os de primeiro a terceiro semestre (7,8%), caindo para 6% nos de quarto a sétimo e para 3% nos de oitavo a décimo.

		1a3	4a7	8a10	Total
Criptomoedas	Invisto atualmente	11,3%	13,3%	7,8%	10,3%
	Já investi no passado	2,8%	10,7%	7,8%	7,3%
	Nunca investi	85,9%	76,0%	84,3%	82,4%

Tabela 9: investimento em criptomoedas. Fonte: elaborada pela autora.

Criptomoedas podem ser encontradas em carteiras que compõem o investidor de perfil agressivo, e são pouco comuns entre os alunos da Administração conforme a Tabela 9. Destacam-se os alunos de quarto a sétimo semestre, pois 13,3% investem atualmente e 10,7% já investiram no passado; entre os alunos de primeiro a terceiro semestre, 85,9% nunca investiram em criptomoedas, assim como 84,3% dos alunos de oitavo a décimo semestre.

4.4 PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS DOS ALUNOS NA ESCOLHA DOS INVESTIMENTOS

Para a análise da influência exercida na escolha do investimento foi aplicado o teste de comparação de médias, Anova, aceitando-se a diferença de percepção a um nível de significância de 0,00 até 0,05 (erro de até 5%).

Em relação às influências na hora de realizar seus investimentos pessoais, foi solicitado aos alunos que indicassem o grau de influência que cada uma das opções apresentadas exercia sobre eles. Para a avaliação, foi utilizado uma escala variando de 1=Pouca influência até 4=muita influência. Aqui, também dividimos os alunos por

semestre (primeiro a terceiro; quarto a sétimo; oitavo a décimo). Os resultados estão apresentados na Tabela 10.

Influência na escolha dos investimentos						
A.	B. Não se aplica	C. 1a3	D. 4a7	E. 8a10	F. Total	G. Significância
Opinião de amigos	219	1,76	2,21	2,35	2,16	,001
Aulas da E.A. (geral)	211	1,89	2,21	2,35	2,19	,029
Opinião de colegas da E.A.	206	1,79	2,10	2,19	2,06	,049
Vídeos	227	2,37	2,75	2,63	2,60	,085
Opinião de professores da E.A.	211	2,19	2,33	2,55	2,40	,109
Bancos tradicionais	211	1,54	1,85	1,63	1,66	,133
Especialista em investimentos	235	3,19	3,31	3,19	3,23	,611
Blogs de investimentos	222	2,48	2,45	2,60	2,53	,615
Opinião de familiares	199	1,91	1,75	1,77	1,80	,644
Livros	221	2,93	2,84	2,82	2,85	,804
Bancos digitais	220	1,86	1,89	1,92	1,90	,929
Redes sociais	219	1,87	1,92	1,91	1,90	,944

Tabela 10: influência nos investimentos. Fonte: Elaborado pela autora.

Na coluna “A”, tem-se as alternativas dadas na questão para que os alunos respondessem o quanto cada uma delas influenciava na escolha de seus investimentos pessoais. Na coluna “B”, tem-se a porcentagem de alunos que assinalou a opção “não se aplica” para cada uma das alternativas dadas - sendo a “opinião de familiares” com maior quantidade de aplicações (23,76%) e especialista em investimentos a de menor quantidade (9,97%). As colunas “C”, “D” e “E” trazem a média das respostas dos alunos de primeiro a terceiro, quarto a sétimo e oitavo a décimo semestre, respectivamente. A coluna “F” mostra a média total obtida nas alternativas, entre todos os semestres.

Na coluna “G”, mede-se o grau de significância na comparação dos grupos de semestres entre si. Esse cruzamento foi realizado para que se possa medir se há diferença nas respostas dos alunos quando comparamos os que estão estudando no primeiro até o terceiro semestre, do quarto ao sétimo e do oitavo ao décimo. Usando uma margem de erro de 5%, analisa-se que cinco das doze alternativas apresentadas possuem diferença. São elas: “opinião de amigos”, “aulas da E.A. - geral”, “opinião de colegas da E.A.”, “vídeos” e “opinião de professores da E.A.”. Isso significa que é possível dizer que há diferença na forma pela qual os alunos se influenciam na hora de investir suas finanças pessoais, quando analisamos estas cinco alternativas.

Com exceção da alternativa “vídeos”, que nos semestres iniciais possui média de 2,37, sobe para 2,75 nos semestres do meio da graduação e então diminui para e 2,63, as outras quatro alternativas apresentam o mesmo comportamento: na medida em que os semestres avançam, aumenta também a influência destas alternativas (opinião de professores e colegas da Escola de Administração, aulas da Escola de Administração e opinião de amigos).

4.5 PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO FINANCEIRO NA ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

Quando questionados se acreditavam que o ensino financeiro e de investimentos aplicado na Escola de Administração lhe ensina a investir as suas finanças pessoais, os alunos podiam optar entre “sim, bastante”, “sim, um pouco”, “não influencia” e “não se aplica”. As respostas na alternativa “não se aplica” foram desconsideradas, e as demais estão representadas na Figura 16.

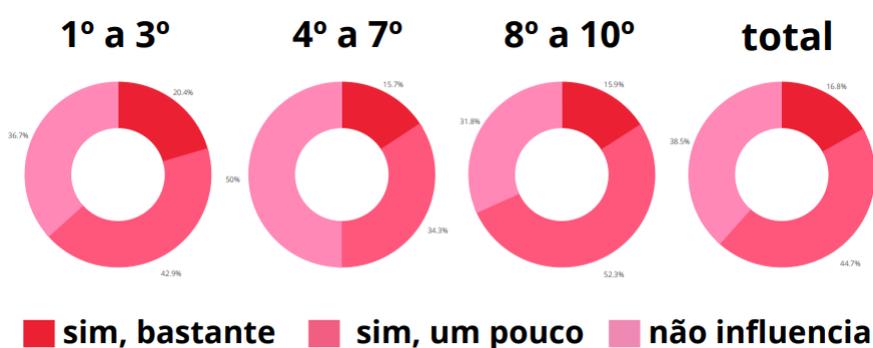


Figura 16: ensino financeiro e investimentos. Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se na Figura 16 que, em maioria, os alunos sentem uma certa influência no ensino na escolha dos seus investimentos. De primeiro a terceiro semestre, 20,4% acredita que o ensino influencia bastante, 42,9% acredita influenciar um pouco e 36,7% acredita que não influencia. De quarto a sétimo semestre, 15,7% alega influenciar bastante, 34,3% influencia pouco e metade (50%) acredita que não influencia. Nos semestres finais, 15,9% alega influenciar muito, 52,3% influenciar um pouco e 31,8% que não influencia. No total, 16,8% influencia muito, 44,7% influencia pouco e 38,5% não influencia. É interessante perceber que os alunos de oitavo a décimo semestre, que já tiveram mais aulas na graduação que os alunos de semestres inferiores, são os que possuem menor porcentagem na alternativa “não influencia”.

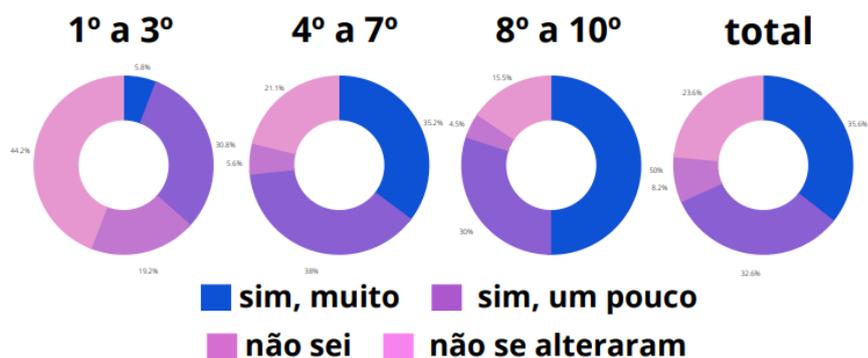


Figura 17: hábitos nos investimentos desde o início da graduação. Fonte: elaborado pela autora.

Nas comparações entre semestres apresentada na Figura 17, temos a maior divergência entre todas as questões abordadas até aqui. Entre os alunos dos semestres iniciais, que tiveram poucas disciplinas na graduação até então, os que alegam que seus hábitos em relação aos investimentos pessoais não se alteraram correspondem a 44,2% dos alunos; 30,8% dizem que se alteraram um pouco, 5,8% que se alteraram muito e 19,2% responderam não saber dizer. Entre os alunos de quarto a sétimo semestre, o cenário se altera significativamente: 35,2% afirmam que os hábitos se alteraram muito, 38% que se alteraram um pouco, 5,6% não souberam dizer e 21,1% disseram não terem mudado seus hábitos. Já nos semestres finais, 50% dos alunos alega que os hábitos se alteraram muito, 30% que se alteraram um pouco, 4,5% não souberam responder e apenas 15,5% dos alunos afirma que os hábitos não se alteraram.

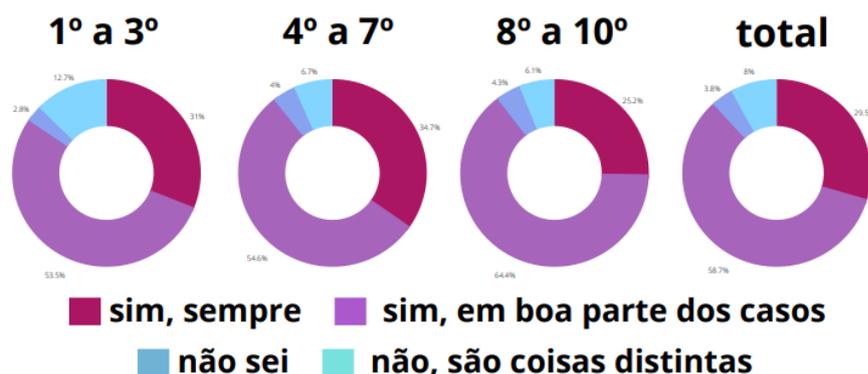


Figura 18: gestor, dinheiro e investimentos pessoais e de uma empresa. Fonte: elaborado pela autora.

Na última pergunta abordada na pesquisa, questionava-se aos alunos se eles acreditavam que um gestor que lida bem com o próprio dinheiro e com seus investimentos pessoais, também lidará bem com o dinheiro e investimentos de uma empresa. Os resultados obtidos podem ser observados na Figura 18. Os alunos que

responderam “não, são coisas distintas” representam 12,7% dos alunos de primeiro a terceiro semestre, 6,7% dos de quarto a sétimo e 6,1% dos de oitavo a décimo. Os que não souberam responder correspondem a 2,8%, 4% e 4,8% respectivamente. Os alunos que responderam “sim, sempre” representam 31% dos alunos de primeiro a terceiro, 34,7% dos de quarto a sétimo e 25,2% dos semestres finais. Por fim, os que responderam “sim, em boa parte dos casos” somam 53,5% dos alunos de semestres iniciais, 54,7% dos alunos de quarto a sétimo semestre e 64,3% dos alunos de oitavo a décimo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brasileiro, de modo geral, não tem o costume de investir e possui pouco (ou nenhum) conhecimento sobre investimentos e educação financeira; possuem perfil predominantemente conservador e prezam por baixos riscos em suas aplicações. Por meio da análise de resultados, é possível perceber que o comportamento dos alunos de graduação em administração na UFRGS se difere bastante deste comportamento.

Para se chegar ao perfil do investidor do aluno de graduação em Administração da UFRGS, diversos fatores foram levados em consideração, como por exemplo os objetivos com relação aos investimentos, a liquidez necessária de seus recursos e a experiência na área financeira. Cabe ressaltar que, quando analisados isoladamente, nem todos os fatores indicaram o mesmo perfil – o que é absolutamente comum neste tipo de análise. Somando-se os resultados obtidos, temos que o perfil do investidor dos alunos pode ser considerado como “moderado”.

Tal resultado se baseia na união dos seguintes resultados: 69,3% possui o hábito de investir, 31% já trabalhou em instituição financeira e 18,4% possui certificação na área de investimentos. A maioria investe mensalmente (54,8%), e a renda total investida gira em torno de menos de 10% a 40% (70,6%). Quanto a objetivos e riscos suportados com seus recursos são considerados moderados (60,6%), e 64,5% pretende deixar seu recurso investido por mais de cinco anos, característica encontrada geralmente em perfis agressivos. Quando questionados quanto à liquidez que necessitam, praticamente metade (49,3%) não precisa de liquidez, ou então precisa de no máximo 25% do total dos recursos com liquidez – característica de investidores agressivos.

Com relação aos investimentos em que os alunos mais aplicam seus recursos, destacam-se os investimentos em ações: 51,3% investe ou já investiu em ações – um investimento de perfil agressivo. Fundos imobiliários, também agressivos, possuem uma aderência significativa dos alunos (34,5% investem ou já investiram) e criptomoedas (17,6%). Derivativos e opções, também agressivos, foram pouco relevantes e não possuem muitos investidores entre os alunos (apenas 8,4% investiram ou investem). Os fundos em ações e multimercado, encontrados em carteiras de investidores agressivos e moderados, são ou já foram uma forma de investimento para 33,5% dos alunos. Nos investimentos de perfil conservador, o de

maior aderência aos alunos que investem ou já investiram foi a poupança (74,7%, embora apenas 18,3% invistam atualmente), seguido do CDB (60,5%), dos títulos públicos federais (48,3%) e por fim das LCI e LCA (26,8%).

Constata-se que, na medida em que os alunos avançam de semestre, sua renda individual e familiar aumenta, bem como também aumentam a quantidade de alunos investidores e o percentual de sua renda que eles investem. Também é possível observar que a tendência encontrada é a de que, na medida em que os alunos avançam de semestre, seu perfil também avança de conservador para moderado e por fim a agressivo – fazendo investimentos mais arriscados, sem priorizar uma liquidez elevada e mirando o longo prazo. Isso mostra um resultado diferente do encontrado por Bodur (2016) também com alunos da Administração da UFRGS, porém da população da Escola de Administração de 2016, onde foi constatado que o perfil dos alunos era conservador e que dava preferência por investimentos de baixo risco.

A percepção de que os alunos acreditam que a educação financeira aplicada na Escola de Administração da UFRGS influencia na escolha de seus investimentos pessoais também foi constatada, por meio do grau de significância dos três fatores dados como alternativas nas influências de seus investimentos: aulas da EA, opinião de professores da EA e opinião de colegas da EA. Isso mostra também que, além do conteúdo aprendido em aula, a troca de informações e experiências fomentada no ambiente da graduação entre alunos, colegas e professores também contribui para que suas escolhas com relação a investimentos sejam realizadas. Os alunos também afirmam que os hábitos com relação aos seus investimentos pessoais se alteraram desde o início da graduação – destaca-se que é uma porcentagem que também aumenta na medida em que os semestres avançam, havendo uma percepção maior da alteração dos hábitos em relação aos investimentos por parte dos alunos de final da graduação. Além do ambiente da Escola de Administração (aulas, troca de experiências com colegas e professores), isso também pode ser fortemente impactado por outras variáveis abordadas na pesquisa, como o aumento da renda durante a graduação, a experiência no mercado financeiro e a própria idade e momento de vida destes alunos.

Por fim, salienta-se que os alunos consideram que um gestor que lida bem com seu próprio dinheiro e investimentos, também lidará bem com os dinheiros e

investimentos de uma empresa (29,5% dos alunos acredita que isso ocorre sempre, e 58,6% em boa parte dos casos). Dada a notoriedade de se trabalhar sobre investimentos, educação financeira e gestão de dinheiro, sugere-se que tais assuntos sejam ainda mais abordados, ensinados e discutidos nas aulas de graduação do curso de Administração da UFRGS, considerando a importância na formação de bons gestores e administradores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariana dos Santos Felix. **Jovens universitários de Três Rios: investidores emergentes.** Três Rios, 2019. Disponível em: <<https://itr.ufrj.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/TCC-MARIANA-FELIX-FINAL.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2020.

ANBIMA. **Central de Informações sobre o Investidor Brasileiro.** Brasil, 2020. Disponível em: <https://centraldoinvestidor.anbima.com.br/?_ga=2.108335942.553393494.1511269915-1893380959.1509369941>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ANBIMA. **Entenda o seu perfil antes de investir.** Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/entenda-o-seu-perfil-antes-de-investir.htm>. Acesso em: 21 out. 2020.

ANBIMA. **Raio X do Investidor Brasileiro – 2ª Edição.** Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/data/files/25/50/2D/8C/0BBB96109FF4F696A9A80AC2/RaioX_investidor_2019.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020

BODUR, Antônio Ricardo Grubert. **Comportamento financeiro: um estudo com os alunos de Administração da UFRGS.** Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158538>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARDOZO, Tuane T. M.; MODESTO, Nathália L. P.; MAGALHÃES, Nathália P.; FONSECA, Raony V. S.; POLICARPO, Renata V. S. **Análise do Perfil de Investidores Brasileiros.** IX Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção - Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <http://aprepro.org.br/combrep/2019/anais/arquivos/09292019_140900_5d90e7fc62875.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FAYH, Marcelo. **Perfil de Investidor conservador, moderado, arrojado: Investimento?**. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://comoinvestir.thecap.com.br/perfil-de-investidor/>>. Acesso em: 24 out. 2020.

FERNANDES, Simone da Silva. **Finanças comportamentais: um estudo com os alunos de ciências contábeis de uma universidade de Santa Catarina**. Criciúma, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/607/1/Simone%20da%20Silva%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/7128572/A_Arte_de_Pesquisar_Mirian_Goldenberg>. Acesso em: 21 nov. 2020.

IBGE, 2021. **Desemprego fica em 14,1% e atinge 14 milhões de pessoas**. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2021/01/28/pnad-continua---desemprego---novembro.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

JUNIOR, Valmir Fiegenbaum. **Formação e preservação de patrimônio: perfil do investidor e carteira de investimentos**. Lajeado, 2019. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2633/6/2019ValmirFiegenbaumJunior%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <

http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MALHOTRA, Naresh; BIRKS, David. **Marketing Research: an applied approach**. Harlow: Prentice Hall, 2006. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Marketing-Research%3A-An-Applied-Approach-Malhotra-Nunan/d045b484222beef09895a0700830f76124a4d787?p2df>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing – edição compacta**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.pensecomigo.com.br/livro-pesquisa-de-marketing-edicao-compacta-pdf-fauze-mattar/>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

MENDES, Adriana Cristina Ferreira Vasconcelos. FERREIRA, Flávio Smania. **Educação Financeira – As opções da nova classe média no Brasil**. Ourinhos, 2012. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/revistahorus/article/viewFile/4026/1853>>. Acesso em: 20 out. 2020.

NETO, Lauro de Araújo Silva. **Guia de Investimentos e Saúde Financeira: Segunda Edição Revisada e Ampliada**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.amazon.com.br/kindle-dbs/hz/subscribe/ku?ref=dbs_p_ebk_r00_pbcb_diupu0&passThroughAsin=B01LXNEKN1&tag=tpltrs-20&_encoding=UTF8&shoppingPortalEnabled=true >. Acesso em: 5 out. 2020.

RAMBO, Andrea Carneiro. **O perfil do investidor e melhores investimentos: da teoria à prática do mercado brasileiro**. Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123812/Monografia%20da%20Andrea%20Rambo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da Educação Financeira no Brasil**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000600006>. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Prof. Lucas. **CPA-20: Material de aula + questões**. Brasil, 2020. Disponível em: < <https://professorlucassilva.com.br/wp-content/uploads/2020/04/CPA-20-PROFESSOR-LUCAS.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

SOUZA, Lorena Lopes de. **Perfil do investidor dos discentes do curso de administração da faculdade de economia, administração, atuária e contabilidade da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26986/1/2014_tcc_llsouza.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

SPC Brasil. **Seis em cada dez brasileiros não se preparam para aposentadoria, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil e Banco Central**. Brasil, 2019. Disponível em: < spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/6088>. Acesso em: 19 out. 2020.

SPC Brasil. **47% dos jovens da Geração Z não realizam o controle das finanças, aponta pesquisa CNDL/ SPC Brasil**. Brasil, 2019. Disponível em: < spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/6271>. Acesso em: 19 out. 2020.

TOLENTINO, Leandro; MACIEL, Amauri Ferreira; SOARES, Adriano Mesquita; DOMINGUES, Luiz Henrique; KOVALESKI, João Luiz. **Análise do perfil investidor dos alunos do curso de administração de uma faculdade privada na cidade de Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Y3Lv0ltgIYEJ:www.aprepro.org.br/conbrepro/2017/down.php%3Fid%3D3851%26q%3D1+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 6 out. 2020.

UFRGS, Escola de Administração. **A Escola de Administração (EA)**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <
<https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/institucional/sobre-a-escola/>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

I. Sobre as características da população

1. Você é aluno de graduação em Administração de Empresas da Escola de Administração da UFRGS? () Sim () Não
2. Qual o seu sexo? () Masculino () Feminino () Prefiro não responder
3. Qual sua idade? () 16 a 18 anos () 19 a 21 anos () 22 a 24 anos () 25 a 27 anos () 28 a 30 anos () 31 anos ou mais
4. Onde você mora? () Porto Alegre () Região metropolitana de Porto Alegre () Outro
5. Qual o seu estado civil? () Solteiro () Casado () União Estável () Outros
6. Qual semestre está cursando atualmente? () 1º () 2º () 3º () 4º () 5º () 6º () 7º () 8º () 9º () 10º

II. Aspectos financeiros da população

7. Qual sua renda individual média mensal? () Até R\$1.000,00 por mês () Entre R\$1.000,01 e R\$2.000,00 por mês () Entre R\$2.000,01 e R\$3.500,00 por mês () Entre R\$3.500,01 e R\$5.000,00 por mês () Acima de R\$5.000,00 mensais
8. Qual sua renda familiar média mensal? () Até R\$3.000,00 por mês () Entre R\$3.000,01 e R\$6.000,00 por mês () Entre R\$6.000,01 e R\$10.000,00 por mês () Entre R\$10.000,00 e R\$15.000,00 por mês () Entre R\$15.000,01 e R\$25.000,00 por mês () Entre R\$25.000,01 e R\$50.000,00 por mês () Acima de R\$50.000,00 mensais

9. Está trabalhando atualmente? () Sim, modalidade CLT () Sim, como estagiário/a
() Sim, como autônomo/a () Sim, tenho minha própria empresa () Estou
desempregado () Exerço atividade não remunerada () Outro

10. Já trabalhou em instituição financeira ou empresa da área de investimentos? ()
Sim, e trabalho atualmente () Sim, mas não trabalho atualmente () Não

11. Possui alguma formação ou certificação no mercado financeiro? () Sim () Não

12. Você possui o hábito de investir? () Sim () Não

13. Com qual frequência você costuma investir? () Mensalmente () Trimestralmente
() Semestralmente () Anualmente () Menos de 1x no ano () Nunca investi

14. Qual a porcentagem da sua renda você costuma investir? () Até 10% () Entre
10 e 25% () Entre 25,1 e 40% () Entre 40,1 e 60% () Entre 60,1 e 75% () Entre
75,1 e 90% () Mais de 90% () Não se aplica

III. Análise do Perfil do Investidor

15. Qual o seu principal objetivo com relação aos seus investimentos? Escolha a
opção que mais se encaixa com você. () Preservar o meu capital para que não perca
valor ao longo do tempo, assumindo poucos riscos de perda () Aumentar meu capital
com taxa acima da média do mercado, disposto a correr alguns riscos e perdas ()
Obter retornos elevados no curto prazo e com taxas acima da média do mercado,
disposto a assumir riscos elevados () Não se aplica

16. Por quanto tempo pretende deixar seu dinheiro investido? () Até um ano ()
Um a cinco anos () Mais do que cinco anos () Não se aplica

17. Sobre a liquidez dos seus investimentos, quais das opções está mais próxima da
sua realidade? () Quero totalidade dos recursos disponível para resgate imediato ()
Quero ter disponível para resgate imediato 50% do recurso investido () Quero ter
disponível para resgate imediato 25% do recurso investido () Não preciso de liquidez
() Não se aplica

IV. Investimentos pessoais e educação financeira

18. Marque as alternativas de acordo com suas escolhas em investimentos, escolhendo entre: “nunca investi”, “invisto atualmente” e “já investi no passado”.

18.1 Poupança; 18.2 LCI e LCA; 18.3 Títulos públicos federais; 18.4 CDB; 18.5 Fundos multimercado e fundos em ações; 18.6 Ações; 18.7 Fundos de Investimento Imobiliário; 18.8 Derivativos e Opções; 18.9 Criptomoedas.

19. Na hora de pesquisar informações sobre investimentos, conhecer mais sobre e decidir sobre onde investir, marque o quanto as opções abaixo lhe influenciam na escolha de seus investimentos pessoais – escala de 1 a 4 (sendo 1 = não influencia, 2 = influencia um pouco, 3 = influencia razoavelmente, 4 = influencia muito e N/A = não se aplica):

	1	2	3	4	N/A
Opinião de familiares					
Opinião de amigos					
Opinião de colegas da E.A.					
Aulas da E.A. (geral)					
Opinião de professores da E.A.					
Bancos tradicionais					
Bancos digitais					
Blogs de investimentos					
Livros					
Vídeos					
Especialistas em investimentos					

20. Você acredita que o ensino financeiro e de investimentos aplicado na Escola de Administração lhe ensina a investir suas finanças pessoais? () Sim, bastante () Sim, um pouco () Não influencia

21. Você considera que seus hábitos em relação aos investimentos se alteraram desde o início da graduação na Escola de Administração? () Sim, muito () Sim, um pouco () Não sei () Não se alteraram () Não se aplica

22. Você acredita que um gestor que lida bem com o próprio dinheiro e investimentos, terá maior sucesso lidando com o dinheiro e investimentos de uma empresa? () Sim, sempre () Sim, em boa parte dos casos () Não sei () Não, não coisas distintas

23. Espaço aberto para críticas e sugestões com relação à pesquisa:
